

# **Processos referenciais, intertextualidade e argumentação: discutindo a neutralidade em notícias para um ensino não neutro de Língua Portuguesa.**

Joyce Emanuelli Barbosa Gomes<sup>1</sup>  
Orientadora: Profa. Dra. Andrea Silva Moraes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa como as notícias apresentam e defendem argumentos sobre determinado assunto, refutando a ideia de que elas são desprovidas de intencionalidade. Convocando os estudos de Cavalcante (2012), Matos (2018), Carvalho (2018), Santos e Teixeira (2017), Emediato (2013) e Amossy (2018), apresentamos os pressupostos para a análise textual da argumentação, discutindo as noções de texto, referência e intertextualidade, selecionando textos noticiosos sobre as atuações governamentais no período da pandemia do Covid-19. Concluímos que as notícias argumentam de forma particular a partir de processos textuais-discursivos de referência e intertextualidade, sendo necessário discutir o gênero sobretudo no ensino de Língua Portuguesa para a formação de cidadãos críticos das suas realidades.

**Palavras-chave:** argumentação e notícias; linguística textual e ensino; referência e intertextualidade.

**Abstract:** This research analyzes how news texts present arguments and defend about some topics, refuting the idea that they have no intentionality. Based on the studies of Cavalcante (2012), Matos (2018), Carvalho (2018), Santos and Teixeira (2017), Emediato (2013), and Amossy (2018), we present concepts for the textual analysis of argumentation, revisiting conceptions of text, reference, and intertextuality, selecting news articles whose themes are about governmental actions during the Covid-19 pandemic period. We conclude that news articles have a particular way to argue through textual-discursive processes such as reference and intertextuality, being necessary to rediscuss gender, especially in the teaching of the Portuguese Language for the training of citizens critical of their realities.

**Keyword:** argumentation et news; text linguistics and teaching; reference and intertextuality.

## **1. Introdução**

Para Marcuschi (2008), a língua é utilizada por sujeitos históricos e sociais reais, que estabelecem relação entre si no momento de interação com um objetivo específico. O fruto desse processo, que é complexo, dinâmico e multifacetado, é o texto, responsável por instaurar o sentido, que é particular e visa, em maior ou menor medida, alterar as

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Licenciatura em Letras – Português do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>2</sup> Docente do curso de Licenciatura em Letras – Português do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

perspectivas de mundo de outrem (AMOSSY, 2018). Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho busca, tomando tais pressupostos como basilares, refletir acerca dos processos textuais-discursivos de referência (CAVALCANTE, 2012; CUSTÓDIO FILHO, 2011) e intertextualidade (MARCUSCHI, 2008; CARVALHO, 2018), bem como qual papel eles desempenham na tessitura da argumentatividade de um texto e como o fazem, especialmente em textos do gênero notícia, tidos como desprovidos de parcialidade.

Neste empreendimento, comungamos com a concepção de que, se a língua não possui um caráter ontológico, no qual os sentidos são essencial e naturalmente dispostos, tampouco possuem os referentes. Pelo contrário: eles servem de indício de um ponto de vista específico, construído pelos sujeitos na atividade discursiva, estando eles, portanto, ligados a toda uma gama de informações, dentre elas outros textos, a qual denominamos de *intertextualidade* (MARCUSCHI, 2008). É por isso, portanto, que tais elementos são de grande importância na atividade de compreensão dos projetos argumentativos desenvolvidos.

Tal questão revela-se importante para nós pois, levando em consideração o fato de que grandes mídias retroalimentam a perspectiva de neutralidade da língua e, conseqüentemente, da notícia, a sociedade tende a acreditar que os acontecimentos são “fatos” e não fatos perspectivados. Dessa maneira, é importante refletir o papel da escola e, em particular, das aulas de Língua Portuguesa na manutenção desse *status-quo*, tendo em vista que são nesses espaços que grande parte da população brasileira tem acesso ao conhecimento sistematizado e metarreflexivo, o que intensifica a responsabilidade institucional e docente de assegurar e fornecer os recursos necessários para a formação de indivíduos cientes de si, do mundo que vivem e das realidades às quais tem acesso, no plural.

Assim sendo, compreendemos que a notícia possui uma maneira particular de desenvolver sua argumentação, passível de ser delimitada, analisada e discutida por meio dos processos de referência, incluindo a introdução de referências, o uso de anáforas em redes referenciais e suas recategorizações, além dos diversos modos de intertextualidade presentes no texto. Essa análise pode contribuir para uma mudança na interpretação da mídia, da escola e, conseqüentemente, da sociedade em relação ao gênero notícia. Na próxima seção, portanto, discutiremos mais profundamente a concepção de texto adotada por nós, como também dessas categorias.

## **2. Fundamentação Teórica**

## 2.1 O objeto de estudo da Linguística Textual

Introduzida por Harald Weinrich, estudioso alemão responsável por trazer a perspectiva de que toda linguística é essencialmente uma Linguística de Texto devido à necessidade de tomá-lo como unidade de análise no campo dos estudos da linguagem, a Linguística Textual (doravante LT) tem trilhado um percurso de mais de 30 anos, cujos esforços teóricos abarcam diferentes perspectivas e metodologias na tarefa de opor-se à Linguística Estrutural e sua concepção de língua como um código de função meramente informativa, como também de reintroduzir o sujeito e as suas situações de comunicação nas discussões sobre produção, leitura e compreensão de textos. Contudo, para se discutir sobre a LT, torna-se vital, antes de tudo, situar as concepções de língua e de texto basilares a essa ciência, além dos fatores que a conduziram a tais perspectivas conceituais e metodológicas, uma vez que eles estão intimamente relacionados às suas conseqüentes e valiosas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa.

De acordo com Koch (2009), Bentes (2018) e Pinto (2017), apesar de ocorrer de maneiras diversas nos países, é possível distinguir três momentos que abrangem as preocupações teóricas da LT, não necessariamente de forma cronológica, mas conceitual, em que o seu objeto de análise é gradualmente ampliado e distanciado do estruturalismo saussuriano, sendo eles: a fase das Análises Transfrásticas, das Gramáticas Textuais e das Teorias do Texto.

A primeira fase, a da análise transfrástica, como bem explicita o nome, procurava, na tentativa de compreender alguns fenômenos, “ir além” das fronteiras da frase, uma vez que, neste momento, o texto correspondia unicamente à, como concebido por Isenberg (1970 apud BENTES,2018), “uma sequência coerente de enunciados”. Nesse sentido, relações de conexão entre predicções e sintagmas nominais por meio da co-referenciação, capazes de fornecer ao ouvinte a construção da imagem de determinado referente, ou mesmo a concordância dos tempos verbais, surgem como principais interesses da área, que realiza um movimento “de dentro para fora”, isto é, da frase para o texto, na qual a definição de um opunha-se a do outro: enquanto a primeira consistia em uma unidade de sentido delimitada por sujeito, verbo e complemento, o texto era apenas um conjunto de frases.

A segunda fase, que corresponde às Gramáticas Textuais, surge, por sua vez, a partir da insuficiência da primeira em explicar como algumas sequências eram capazes construir um sentido global, apesar de suas relações serem estabelecidas sem a presença

de certos elementos constitutivos da frase, como os conectivos. A explicação, então, surge no fato de, segundo Charolles (1989 apud BENTES, 2018) os falantes possuírem três capacidades textuais elementares: a formativa, que permite produzir e compreender um número ilimitado de textos inéditos, bem como avaliar a qualidade deles; a transformativa, que, como remete o nome, o permite transformar os textos em outros, além de avaliar se essa atividade foi ou não bem executada; e a qualificativa, que o permite tificar determinado texto ou produzir um dentro de um tipo específico, como narrativo ou descritivo, por exemplo.

Assim, para essa corrente, levando em consideração essas capacidades inatas aos sujeitos falantes, o escopo de análise dessa corrente recai na verificação do que faz um texto ser um texto, no levantamento dos critérios capazes de realizar essa verificação e delimitação, bem como nos elementos responsáveis por diferenciar um tipo textual de outro. Contudo, apesar de introduzir pontos que são, até hoje, tão caros à LT, como coesão, coerência e gêneros textuais, havia uma carência latente: o olhar para o texto era, ainda, por meio de sua redução a um espectro de “*objeto formal abstrato*” (PINTO, 2017, p. 265, grifo da autora), cuja abstração separava dele as condições de produção, tão valiosas para o processo de compreensão textual, como bem aponta Marcuschi (2008).

É, portanto, olhando para essa ausência que as Teorias do Texto surgem, reivindicando a importância de que para compreender o texto deve-se levar em consideração o contexto de sua realização, já que ele desempenha, na realidade, uma função comunicativa. Assim, por ser uma maneira de se usar a língua(gem), há o afastamento de sua concepção como um objeto formal, para elucidação do seu caráter empírico, no qual aspectos linguísticos, cognitivos e sociais evocam um olhar interdisciplinar para explicar sua constituição e funcionamento por e pelos falantes no universo discursivo. Isto posto, o texto, a partir de então, passa a ser visto pela LT como uma unidade de sentido, isto é, uma atividade interacional, na qual os sujeitos são envolvidos e convocados, de forma consciente, a participarem do seu processo de construção e compreensão, por meio do qual propósitos serão movimentados, sempre levando em conta as condições de produção. Em síntese, como afirma Cavalcante e Custodio Filho (2010, p. 58):

De uma concepção de texto como sistema autônomo passível de formulação por uma “gramática”, tributária da noção de que o texto seria a unidade linguística mais alta (em relação à frase, à palavra, ao morfema e ao fonema), passou-se à consideração de texto como unidade funcional nos processos comunicativos de uma sociedade concreta.

Dessa maneira, para a LT, o contexto e o processamento mental são instâncias constitutivamente interligadas, fato que faz do texto “o próprio lugar da interação”, no qual os interlocutores, enquanto sujeitos ativos, dialogicamente “nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2004, p. 32-33 apud CAVALCANTE; CUSTODIO FILHO, 2010, p. 59). É por isso, então, que a produção de sentido revela-se uma atividade altamente complexa, dinâmica e multifacetada, que deve levar em conta em suas investigações os sistemas de conhecimento acionados e construídos durante o evento enunciativo. Cumpre salientar, contudo, que apesar do texto acontecer como um evento enunciativo (BEAUGRANDE, 1997 apud MARCUSCHI, 2008), suas relações de sentido são construídas “numa situação enunciativa imediata simulada, porque não se trata de sujeitos empíricos, num tempo e espaço físico real, mas de uma encenação criada pelo universo textual a cada vez” (CAVALCANTE et al, 2019, p. 27).

Assim sendo, é justo afirmar que o texto ocorre necessariamente a cada vez que se enuncia, de maneira singular, dentro de um contexto específico e igualmente único. Os sentidos, então, mudam ao passo que a situação de interação também muda. É por isso, pois, que os elementos que tecem os sentidos de um texto, considerados na interação e contexto aos quais fazem parte, são fundamentais para a sua análise e compreensão, já que, a depender do interlocutor, eles podem variar. Isto posto, ultrapassar a análise pautada unicamente na materialidade textual mostra-se não apenas metodologicamente viável, mas necessário para compreensão do texto como unidade de coerência, uma vez que ao envolver os sujeitos, seus objetivos e conhecimentos, “o texto “esconde” muito mais do que revela a sua materialidade linguística” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 32).

Essa compreensão a respeito do texto possibilitou, também, o olhar para o fato de que todos serem guiados por uma orientação argumentativa, “do ponto de vista configuracional e textual-discursivo” (CAVALCANTE, 2019, p. 319), já que, como sinaliza Amossy (2018, p. 44), a linguagem é utilizada pelos sujeitos de forma a “influenciar seus parceiros, quer seja para sugerir maneiras de ver, para fazer aderir a uma posição, ou para gerir um conflito”. Dessa maneira, a autora concebe a argumentação como

os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema” (AMOSSY, 2018, p. 47).

Não participando, portanto, apenas de textos que visem a aceitação de uma tese bem delimitada e objetivamente apresentada, mas de todos que compartilhem um ponto de vista sobre a realidade, reforçando valores e orientando a reflexão, a análise dos elementos textuais-discursivos utilizados para a consolidação do projeto argumentativo torna-se essencial para o processo de compreensão textual. Sobre os processos que podem ser utilizados como escopo para esse tipo de análise, discutiremos na próxima seção.

## **2.2 A referenciação, intertextualidade e argumentação**

Os últimos estudos da LT, ao abordarem a discussão acerca da revisitação do estatuto do texto, passaram a aprofundar, como esboçado na seção anterior, a necessidade de voltar o olhar ao caráter argumentativo que todo texto possui, elencando processos textuais-discursivos como categorias de análise. Dessa maneira, muito tem se discutido sobre o papel que a referenciação e a intertextualidade desempenham para, de maneira mais ou menos velada, assentar um projeto argumentativo e, conseqüentemente, uma maneira particular de compreender o mundo.

A respeito da referenciação, tema extremamente caro à LT, que há mais de uma década têm se dedicado ao estudo e ampliação de suas definições, Cavalcante (2012) a caracteriza como um dos fenômenos mais importantes para a compreensão e produção de sentidos, uma vez que mais do que remeter a elementos já introduzidos no texto, a referenciação também resume, organiza o texto, argumenta, traz novas informações, redefine outras, além de veicular diferentes pontos de vista. Isso ocorre, porque, como apontado por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 154), os referentes não são etiquetas prontas e acabadas de um mundo passível de rotulação, mas sim “entidades construídas a partir de representações mentais elaboradas pelos sujeitos (durante as interações pela linguagem), sobre as quais recai a significação substancial dos textos/discursos”, podendo tais estratégias de referenciação se dar, de acordo com Koch e Elias (2013), de diferentes formas, que incluem: (i) introdução referencial, que tem como objetivo colocar o foco em um objeto que ainda não foi mencionado; (ii) retomada, que consiste em recuperar a informação já apresentada no texto, mantendo-a em destaque; e (iii) desfocalização, que ocorre quando um novo elemento é introduzido no texto, tomando o lugar do objeto em destaque.

Cumprer ressaltar, ainda, o fato dessa perspectiva incluir o sujeito no processo comunicativo, uma vez que substitui a noção de *referência*, filiada a uma concepção ontológica dos referentes (MARCUSCHI, 2004), pela de *referenciação* enquanto processo sociocognitivo-interacionista de reelaboração da realidade, fazendo com que os objetos deixem de ser “do” mundo para serem “de” discurso, como bem assinalado por Apothéloz e Reichler-Beguelin:

(...) assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados ‘objetos-de-discurso’ não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos - fundamentalmente culturais - desta atividade (APOTHÉLOZ; REICHLER-BEGUELIN, 1995, p. 228).

Elucidar esse comportamento dos processos referenciais não presume ignorar o papel dos referentes para a manutenção da unidade textual, isto é, a coesão, tendo em vista a inegabilidade da contribuição deles para isso. Trata-se, portanto, de não esgotá-los apenas a essa função, já que a construção deles indica, antes de tudo, a representação de pontos de vista, isto é, a forma como determinado sujeito enunciador apreende falas, pensamentos e percepções (Rabatel, 2008 apud Cortez, 2011) a depender do contexto em que ele está inserido, o que faz “toda construção referencial ser um trabalho em constante evolução e transformação” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 29).

No ínterim dessa discussão, é importante enfatizar dois aspectos significativos relacionados à referenciação e às suas construções de sentido: os processos de recategorização dos referentes e sua configuração em rede. A respeito do primeiro, Cavalcante (2012) o define como um constante processo cognitivo-discursivo em que os sujeitos transformam continuamente os referentes ao longo do texto, as quais contribuem de forma considerável com a orientação argumentativa, uma vez que, ao mudar a perspectiva que um objeto de discurso é apresentado, a recategorização estabiliza determinado ponto de vista a ser defendido à respeito seja desse referente, seja de um fato ao qual ele faz parte. Essa forma particular de funcionamento que os objetos do discurso possuem está intimamente ligada às relações que eles estabelecem *em rede* (MATOS, 2018), não os limitando apenas às relações co-referenciais estabelecidas numa única cadeia referencial, mas expandido ao entrelaçamento de diversos sentidos, informações e pontos de vista utilizados nas suas construções. Um exemplo dessa configuração em *rede* dos referentes e como as diversas relações estabelecidas no/pelo texto contribuem para a

apresentação de um referente e sua conseqüente recategorização é apresentado na charge a seguir:

Imagem 01: Charge “Orçamento de 2023”



Fonte: Charges do Amarildo. <https://www.agazeta.com.br/charge/orcamento-de-2023-0922>. Acessado em 16/04/23).

Nela, são introduzidos os referentes “Presidente”, “Auxílio Brasil” e “Orçamento de 2023”. A respeito deles, se o foco fossem apenas as relações estabelecidas em cadeia, pouco produtiva seria a análise da charge, uma vez que ela se resumiria às sinonímias e retomadas estabelecidas, como em “papel” e “Orçamento de 2023”. Contudo, concebendo o funcionamento dos referentes numa rede referencial, notamos que ao atrelar o objeto de discurso “Auxílio Brasil” a “R\$ 600 reais” e a “Orçamento de 2023”, que por sua vez está vinculado a “Auxílio Brasil R\$ 405”, o referente focal, inferenciado como Bolsonaro, é recategorizado como “mentiroso”, uma vez que apresenta um fato já ciente - e escondendo - outro que o modificaria. É por isso, portanto, que a concepção dos referentes organizados em rede passa a ser de vital importância para análise da (re)construção deles.

A respeito da intertextualidade, Marcuschi (2008) a caracteriza como as relações estabelecidas entre dois ou mais textos encontrados em experiências anteriores, sem a obrigatoriedade de uma mediação. Tal perspectiva ocorre decorrente do fato de que, ainda segundo o autor, “todos os textos comungam com outros textos” (MARCUSCHI, 2008, p. 129), já que nenhum texto se encontra isolado e solitário no mundo, podendo a sua marcação ser evidenciada de forma mais ou menos explícita.

Para discorrer sobre esses tipos particulares de marcação, Carvalho (2018), revisita os estudos de autores como Genette (2010), Sant’anna (2007), Koch (1985; 2002;

2007), Nobre (2014) e Miranda (2010) e propõe uma reabordagem desse processo textual-discursivo que, para ela, passa a ser sempre planejado e possui, subjacentemente, uma função argumentativa pela qual “se constrói(em) determinado(s) sentido(s), a fim de atingir certo(s) propósito(s) discursivo(s)” (CARVALHO, 2018, p. 84).

Dessa maneira, para Carvalho (2018), a intertextualidade possui particularidades tanto no aspecto constitucional, quanto no formal. O primeiro aspecto diz respeito a uma conceituação mais global dos diálogos entre os textos, caracterizados como *estritos* ou *amplos*. Os estritos dizem respeito à verificação mais clara e facilitada desse diálogo, tendo em vista que existirão partes do texto retomado no texto que o retoma. Já os amplos, por sua vez, não correspondem à retomada de um texto específico por outro, mas sim ao conjunto de textos presentes numa sociedade que estabelecem uma relação e podem ser verificados e resgatados por alguma pista presente na unidade textual. Como exemplo desse tipo particular de intertextualidade, temos a imagem a seguir:

Imagem 02: Campanha publicitária de hortifrut



Fonte: Blog De Toda Forma. <https://www.detodaforma.com/2012/03/as-propagandas-divertidas-e-criativas.html>. Acesso em 17/04/2023.

Ao observar a campanha publicitária em questão, não é possível resgatar um diálogo explicitamente marcado entre mais de um texto, isto é, de extratos diretos de um e recuperáveis em outro. Contudo, por meio das frases “Horta **de elite**” e “Se não for hortifruti, **pede para sair**” (grifos nossos), o leitor é convocado a estabelecer uma relação com o filme “Tropa de Elite”, cujo enredo gira em torno da história de um pelotão de batalhão de operações que, por ser especial, possui maior prestígio, melhores resultados e desempenho.

Assim, ao recuperar o contexto do filme por meio da *alusão* a ele, há, na realidade, a defesa da tese de que no hortifruti “a natureza é a estrela” tal, como no filme, o batalhão

de operações especiais é, garantindo igualmente uma melhor qualidade, poder até mesmo uma superioridade não apenas do tomate representado na campanha, mas de todos os legumes, frutas e verduras vendidos pela rede. A intertextualidade, portanto, é ampla, pois não se dá pela materialidade do(s) texto(s), mas por alusão a textos/situações partilhadas culturalmente, neste caso (imagem 2), o filme.

Já sobre o aspecto formal dos intertextos, Carvalho (2018) faz uma espécie de subdivisão a partir do agrupamento aos quais ele se inscreve. Assim, as intertextualidades estritas podem ocorrer por a) copresença ou b) derivação, enquanto as amplas por a) imitação ou b) alusão ampla.

A intertextualidade estrita por copresença é aquela que ocorre ou por meio de citação, forma mais prototípica que inscreve extratos literais de um texto ou partes dele, sem alterações, em outro; ou por uma paráfrase, que consiste, de acordo com Cavalcante (2012 *apud* CARVALHO, 2018) em reformular o texto ou trechos dele, sem modificar o significado original, com o intuito de torná-lo mais claro, compreensível e reforçar a concordância com as ideias apresentadas. Quando apresentadas por meio de uma derivação, o diálogo intertextual consiste, a grosso modo, na criação de um texto a partir de outro, seja por meio de uma paródia, transposição ou metatextualidade.

Por sua vez, a intertextualidade ampla por imitação - de gênero ou estilo de autor - ocorre quando há uma abstração de algum paradigma de determinado gênero textual ou maneira de escrever, fazendo com que mesmo de um gênero ou autor distinto, um texto "lembra" algum outro em particular. As de alusão ampla correspondem ao fato de todo texto, em maior ou menor medida, aludir a outros socialmente conhecidos, mesmo que um exemplo específico não possa ser recuperado, como exemplificado a seguir:

Imagem 03: Charge do Lute



Fonte: Charge do Lute. <https://www.hojeemdia.com.br/opinioao/blog-do-lute/charge-do-lute-04-01-2023-1.941413>. Acesso em 16/04/2023.

Na charge, ao apresentar um cenário de devastação ambiental, com diversos troncos de árvores cortados, contraposto à manchete “Novo governo promete retomar **políticas de proteção ambiental**” (grifo nosso), é possível estabelecer, mais especificamente por meio do trecho “sair em segurança”, uma relação com a fala da muda plantada no solo com diversos documentos que garantem uma seguridade ambiental, mesmo que não sejam apresentadas de fato partes de qualquer documento do tipo, ou mesmo o título. Diferentemente da campanha publicitária do hortifruti, a alusão da charge se dá não por algum elemento que proporciona um “link” direto, mesmo que difuso, a outro texto, mas sim pelo fato de ser de conhecimento geral que leis ambientais existem e circulam. Assim, o leitor consegue fazer essa alusão - que é ampla - e consequentemente, construir o sentido proposto pela charge.

Essas construções de sentido sugeridas tanto pelos processos referenciais, quanto pelos intertextuais, como já mencionado na seção anterior, estão sempre relacionadas a uma tentativa particular de orientar o leitor a determinado projeto argumentativo, o que atribui a esses processos-textuais discursivos uma função argumentativa. É por isso que, como afirmado por Amossy (2018 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 16), é vital analisar a argumentação “no quadro de uma análise global dos funcionamentos discursivos” (p. 16).

Dessa maneira, propomos, nesse artigo, conforme mencionado, conectar a ideia de redes referenciais, que engloba o fenômeno textual-discursivo da referenciação, como também os mais variados diálogos intertextuais, a fim de esclarecer como a argumentatividade é construída em notícias, dando a elas um posicionamento e tese a ser defendida, mesmo que de maneira velada. Sobre como realizar esse tipo de análise, discutiremos na próxima seção.

### **2.3. Notícias, documentos curriculares e ensino**

Para Emediato (2013), apesar da presença da opinião na mídia ser concebida como um problema, pois iria contra o ideal de imparcialidade atribuída à profissão do jornalista, ela sempre foi e será constitutiva do discurso jornalístico, uma vez que está vinculada aos distintos pensamentos sócio-políticos e econômicos de uma sociedade. Assim, apesar da atitude modal do enunciador-jornalista ser marcada pela tentativa do apagamento enunciativo, seu discurso dialoga, em maior ou menor escala, com a opinião pública. Isso implica dizer, por exemplo, que mesmo sendo as notícias marcadas por uma visada

predominantemente informativa e não argumentativa, que busca o “fazer-ver” e não o declaradamente “fazer-crer” (CHARAUDEAU, 2000 *apud* EMEDIATO, 2013), a maneira assertiva que os acontecimentos são expostos na tentativa de “descrever o mundo tal como ele é pode, também, expressar e fazer circular um ponto de vista” (EMEDIATO, 2013, p. 70).

Nesse sentido, apesar do senso comum compreender a atividade de transmissão da informação como um processo neutro de “quem sabe” para “quem não sabe”, revestido por um caráter benfeitor e objetivo, que ignora intenções e maneiras particulares de ler o mundo (EMEDIATO, 2013), os fatos das notícias estão sempre inseridos “em um ou outro enquadramento que lhe dá a perspectiva da interpretação” (ARANTES, 2013, p. 203). Tal perspectiva evoca, portanto, a concepção de Amossy (2018, p. 12) de que “não há discurso sem enunciação, sem apresentação de si, sem aquilo que se poderia chamar de “argumentatividade” ou orientação, mais ou menos marcada no enunciado, que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir” (AMOSSY, 2018, p. 12). Neste sentido, é justo afirmar que todo o texto é conduzido por uma orientação argumentativa, “do ponto de vista configuracional e textual-discursivo” (CAVALCANTE, 2018, p. 319), uma vez que todo texto objetiva, segundo Adam (2019 *apud* CAVALCANTE, 2019, p. 319), de maneira explícita ou não, “agir sobre as representações, crenças e/ou comportamentos de um destinatário”, por meio dos gêneros.

É, portanto, levando em consideração tais aspectos, que o ensino de Língua Portuguesa, em especial, neste caso, das notícias, não pode ser construído sob as bases de uma perspectiva meramente formal, pautada na análise esvaziada e descontextualizadas de frases soltas, mas sim na perspectiva de texto como unidade de sentido e de gêneros textuais, concebidos por Bakhtin (1997, p. 277) como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, uma vez que a utilização da língua é efetuada na forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos, “concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou de outra esfera da atividade humana”.

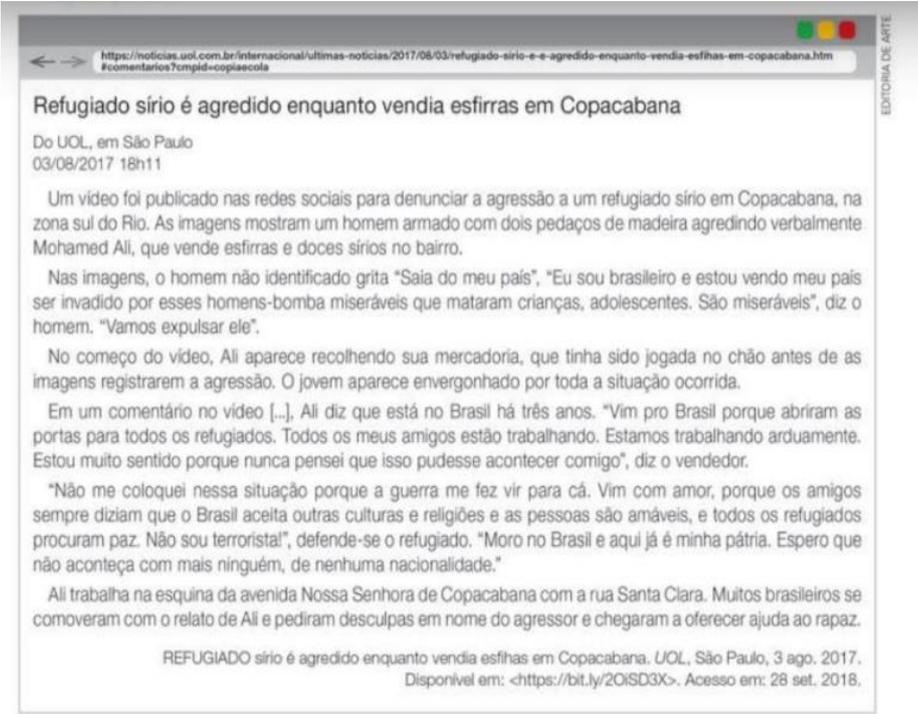
Em síntese, ao trabalhar os textos noticiosos durante as aulas de LP, deve-se preconizar por uma abordagem que considere os elementos constitutivos desse gênero, responsáveis por caracterizá-los como tal, mas também atentar-se aos efeitos de sentido propostos por eles, objetivando a formação de indivíduos comunicativamente competentes, isto é, que passem “a pensar *a* e *na* sua língua” (SOUZA, 1984, p. 6 *apud* SANTOS, TEIXEIRA, 2019). Essa postura, vale salientar, comunga não apenas com a sétima competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental indicada

pela Base Comum Curricular (doravante BNCC), que consiste em “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BRASIL, 2018, p. 87), mas também com a competência, no campo de atuação jornalístico/midiático do Currículo do Estado de Pernambuco, que sugere a necessidade do discente:

**(EF06LP01PE)** Reconhecer a impossibilidade de uma neutralidade absoluta no relato de fatos, refletindo sobre parcialidade/ imparcialidade a partir dos efeitos de sentidos produzidos pelos recortes e pelas escolhas lexicais feitos pelo autor, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos e tornar-se consciente das suas próprias escolhas enquanto produtor de textos (PERNAMBUCO, 2019, p. 151).

Contudo, ainda devido ao olhar cristalizado na sociedade a respeito dos gêneros noticiosos, ou seja, que eles são desprovidos de parcialidade, totalmente neutros e responsáveis apenas por repassar fatos absolutos sobre algo, muitos livros didáticos ecoam no trabalho de leitura e compreensão de texto esse olhar esvaziado, que fica limitado à extração de partes da notícia por meio de perguntas objetivas que não se debruçam no processo de co-construção do sentido entre o autor e o leitor, deixando de lado o debate a respeito das intenções e modos de ver os acontecimentos, como no extrato abaixo encontrado no Livro Didático (LD) de Língua Portuguesa do 7º ano do Ensino Fundamental:

Imagem 04: Atividade de LD de Língua Portuguesa



The image shows a screenshot of a news article from UOL. The title is "Refugiado sírio é agredido enquanto vendia esfirras em Copacabana". The article is dated 03/08/2017 18h11. The text describes an incident where a Syrian refugee was verbally abused and threatened by a group of men in Copacabana, Rio de Janeiro, while selling street food. The refugee, Mohamed Ali, is quoted as saying, "Saia do meu país", "Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes. São miseráveis", diz o homem. "Vamos expulsar ele". The article also mentions that the refugee is working in Brazil and has been there for three years, and that he is being helped by his friends.

Do UOL, em São Paulo  
03/08/2017 18h11

Um vídeo foi publicado nas redes sociais para denunciar a agressão a um refugiado sírio em Copacabana, na zona sul do Rio. As imagens mostram um homem armado com dois pedaços de madeira agredindo verbalmente Mohamed Ali, que vende esfirras e doces sírios no bairro.

Nas imagens, o homem não identificado grita "Saia do meu país", "Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes. São miseráveis", diz o homem. "Vamos expulsar ele".

No começo do vídeo, Ali aparece recolhendo sua mercadoria, que tinha sido jogada no chão antes de as imagens registrarem a agressão. O jovem aparece envergonhado por toda a situação ocorrida.

Em um comentário no vídeo [...], Ali diz que está no Brasil há três anos. " Vim pro Brasil porque abriram as portas para todos os refugiados. Todos os meus amigos estão trabalhando. Estamos trabalhando arduamente. Estou muito sentido porque nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo", diz o vendedor.

"Não me coloquei nessa situação porque a guerra me fez vir para cá. Vim com amor, porque os amigos sempre diziam que o Brasil aceita outras culturas e religiões e as pessoas são amáveis, e todos os refugiados procuram paz. Não sou terrorista", defende-se o refugiado. "Moro no Brasil e aqui já é minha pátria. Espero que não aconteça com mais ninguém, de nenhuma nacionalidade."

Ali trabalha na esquina da avenida Nossa Senhora de Copacabana com a rua Santa Clara. Muitos brasileiros se comoveram com o relato de Ali e pediram desculpas em nome do agressor e chegaram a oferecer ajuda ao rapaz.

REFUGIADO sírio é agredido enquanto vendia esfirras em Copacabana. UOL, São Paulo, 3 ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2OISD3X>. Acesso em: 28 set. 2018.

### POR DENTRO DO TEXTO

1. Que fato originou a notícia? *Sirio que vendia esfirras em Copacabana foi atacado por um brasileiro.*

2. Releia o lide da notícia, no primeiro parágrafo, e responda:

1. Refugiado sírio foi agredido verbalmente por um homem.  
2. Na praia de Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro.  
3. Essa informação não consta do lide, mas supõe-se que o fato tenha acontecido em agosto de 2017, pois a notícia é de 03/08/2017.

1. Qual foi o acontecimento?	
2. Onde ocorreu?	
3. Quando ocorreu?	
4. Por que aconteceu?	
5. Como aconteceu?	

4. O homem se irritou com a presença do vendedor ambulante sírio.  
5. O homem, armado com dois pedaços de madeira, agrediu verbalmente o refugiado sírio Mohamed Ali.

Fonte: *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa - 7º ano*. Barueri: IBEP, 2018, p. 72

Apesar da notícia trabalhada pela atividade ser, por exemplo, rica em intertextos e possuir toda uma lógica de apresentação dos acontecimentos, o LD tem como foco, como é possível observar, apenas a extração de palavras que informem de maneira direta sobre a temática do texto por meio de perguntas como “Que fato originou a notícia”, “Onde ocorreu” e “Como aconteceu”. Observando também as propostas como corretas pelo LD, percebe-se que o tipo de abordagem parece estar baseada numa compreensão insuficiente da competência EF69LP03 da BNCC, que sinaliza a importância do discente ser capaz de “Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências (...)” (BRASIL, 2018, p. 141), tomando o termo “identificar” como uma espécie de “recortar”, tratando o texto como um pretexto e ignorando a descrição dada pelo próprio documento que elucida o foco da competência:

(...) no modo como se constrói o conteúdo de textos nesses gêneros, sempre relacionado às suas finalidades. Esta habilidade mobiliza outras, como identificar marcas de impessoalidade (mais esperada na notícia) e de subjetividade (que é aceitável nas reportagens e esperada nas entrevistas), diferenciar opinião de argumentos (que podem estar presentes em quaisquer dos gêneros citados na descrição da habilidade) (BRASIL, 2018, p. 142).

Isto posto, para abarcar a potencialidade que é o trabalho com textos noticiosos, faz-se necessário ultrapassar a dimensão da frase, seja como unidade de recorte, seja como unidade de análise, contextualizando de maneira produtiva o ensino, o que implica em visar o conhecimento, a leitura e a discussão da “palavra-mundo” (FREIRE, 2008), como também das funções sociais dos gêneros textuais e sua circulação social (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71 apud SANTOS, TEIXEIRA, 2019), para que, a partir disso, o discente possa identificar as pistas fornecidas pelos elementos textuais e, conseqüentemente, construa os possíveis sentidos propostos no/pelo texto. Como, considerando os processos textuais-

discursivos discutidos na seção anterior, essa atividade pode ser desenvolvida, trataremos mais detalhadamente após a explicitação da abordagem metodológica escolhida.

### 3. Metodologia

As recentes pesquisas em Linguística Textual ampliaram as perspectivas teóricas e metodológicas dessa área de estudo, tendo em vista uma nova compreensão da noção de texto (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010), que leva em consideração aspectos multimodais, bem como os parâmetros de textualidade, resultando em uma abordagem mais abrangente e enriquecedora. Sendo fruto, portanto, desse caminhar natural da ciência, que busca analisar lacunas em proposições anteriores, uma vez que nenhuma pesquisa mostra-se totalmente absoluta e esgotada de uma nova perspectiva sobre os fenômenos trabalhados, o presente estudo objetiva propor um olhar atencioso às categorias de referenciação e intertextualidade, de maneira que, durante a análise textual, sobretudo as de textos noticiosos, seja possível desvelar a sua faceta argumentativa.

Para tanto, partimos da posição de que argumentar constitui o ato linguístico fundamental, já que por trás de todo discurso existe uma ideologia (KOCH, 2011 [1984]), a qual é passível de elucidação por meio da análise da unidade textual, que constantemente propõe, articula e negocia sentidos e uma perspectiva particular de compreender o mundo (CORTEZ, 2017). Assim, este estudo caracteriza-se sobretudo como explicativo (LAKATOS; MARCONI, 2001), uma vez que objetiva, antes de tudo, identificar fatores que determinam e/ou contribuem para a ocorrência de um fenômeno em particular, neste caso a argumentação em notícias.

A respeito da natureza da pesquisa, é importante sinalizar o seu caráter *qualitativo*, tendo em vista que ela consiste na procura de “informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa” (OLIVEIRA, 2008, p. 68). Em síntese, pretende-se, no estudo sugerido, analisar como os referentes e intertextos são construídos nos textos noticiosos e como essas categorias textuais são usadas como estratégias para fortalecer o argumento presente no texto.

Dessa maneira, ao partir da hipótese básica de que, diferentemente do que é afirmado pelo imaginário social e até mesmo midiático, as notícias argumentam, algumas questões surgem como fundamentais para nortear a pesquisa, como: (I) De que maneira os objetos de discurso são construídos em textos noticiosos?; (II) Quando observado o processo de recategorização dos referentes, qual objetivo subjaz essa atividade?; (III)

Quais os efeitos de sentidos depreendidos por meio das relações estabelecidas nas redes referenciais?; (IV) Como os intertextos são convocados e qual o sentido que eles contribuem para estabelecer?

Isto posto, temos como elemento basilar para a da elaboração da pesquisa o trabalho de Iniciação Científica desenvolvido nos anos de 2019 e 2020 intitulado “Referenciação e Intertextualidade como constitutivas do fazer argumentativo em notícias”, cujas discussões desenvolvidas servem de inspiração para levantar novos questionamentos, em especial no âmbito pedagógico em que as aulas de Língua Portuguesa ganham enfoque. Considerando, contudo, o contexto atípico que foi a pandemia causada pelo Covid-19, optamos por construir um novo *corpus* para a pesquisa, composto, agora, por 20 notícias, das quais selecionamos duas, que tenham um conteúdo político, tendo em vista que “tudo é político”, como bem menciona a poetisa Wisława Szymborska, e cuja temática seja a respeito da pandemia. As plataformas selecionadas, por sua vez, foram on-line e de grandes jornais como G1, O Globo, Estão, Gazeta do Povo, Pode 360, dentre outros, uma vez que estes possuem maior circulação e consequente credibilidade social. No mais, privilegiou-se, também, o período de Janeiro a Junho de 2021, tendo em vista que, de acordo com o Ministério da Saúde (2021), esse foi o período mais letal da pandemia do Covid-19 no Brasil, em especial o mês de março. Quanto às temáticas, o recorte concentrou no debate a respeito das medidas - ou falta delas - de combate ao vírus desenvolvidas pelo Governo Federal e Governos Estaduais, bem como as que tratavam de casos que chamaram grande atenção da população por escassez e/ou desvio de recursos, a fim de analisar os projetos argumentativos em torno da responsabilização de culpas, ou absolvição delas, aos governantes públicos brasileiros.

Ademais, convocamos, também, os estudos dos processos referenciais de introdução referencial e anáfora (CAVALCANTE, 2012), suas relações com as redes referenciais (MATOS, 2018), as relações intertextuais (CARVALHO, 2018) presentes em textos do gênero textual notícia, a própria concepção acerca da consistência do texto noticioso (EMEDIATO, 2013), a noção de argumentação (AMOSSY, 2018), bem como o papel do texto no ensino de Língua Portuguesa (SANTOS; TEIXEIRA, 2017; CAVALCANTE; CUSTODIO FILHO; BRITO, 2014).

Por fim, no que concerne o processo de análise das notícias selecionadas, seguimos as seguintes etapas em cada texto:

#### Quadro 01: Etapas de análise das notícias

1	Identificação dos processos referenciais em textos do gênero textual notícia, dando ênfase aos processos de introdução referencial e anáfora;
2	Análise da seleção lexical para a atribuição de propriedades aos referentes (incluindo a recategorização) não apenas nas formas nominais referenciais, mas no texto como um todo para a construção dos referentes nas notícias;
3	Análise dos intertextos e dos modos de intertextualidades presentes nas notícias;
4	Mapeamento da orientação argumentativa das notícias por meio da análise dos processos referenciais e dos intertextos.

Fonte: Elaborado pela autora.

A consolidação da análise proposta, bem como os questionamentos e colaborações decorrentes dela, são melhor apresentados e desenvolvidos na seção seguinte.

#### **4. Análise das notícias**

Conforme já fora pontuado, o principal objetivo deste trabalho é desvelar a maneira que determinado projeto argumentativo é construído e proposto em textos noticiosos, elencando, para tanto, como categorias de análise textual, os processos textuais-discursivos de referenciação e intertextualidade (MACEDO, 2018; OLIVEIRA, 2019), a fim de propor um novo olhar, nas aulas de LP, a respeito desse gênero textual, estimulando, conseqüentemente, a formação de cidadãos críticos e conscientes do mundo e realidade em que estão inseridos. Isso porque, se como pontuado por Emediato (2013, p. 69) “as tendências opinativas da imprensa sempre estiveram vinculadas aos diferentes pensamentos políticos e econômicos em voga em uma determinada sociedade”, não é possível, enquanto professores de língua, pautar o ensino das notícias em uma neutralidade inexistente, alienando os discentes e negando-lhes a oportunidade de dialogar com sentidos e formas distintas de enxergar os acontecimentos.

Dessa maneira, entendemos que é na materialidade textual que podemos identificar os sentidos negociados na interação. Sobre essa produção de sentido, observamos que os processos de referenciação e intertextualidade possuem, muitas vezes, como sinalizado por Macedo (2018) e Oliveira (2019), uma estreita relação, sendo em alguns momentos impossível separá-los, o que evoca uma dupla análise e apontamento.

Ademais, notamos, também, que alguns referentes são, por vezes, introduzidos de maneira já recategorizada, o que indicia, de primeira, um ponto de vista particular que é, no decorrer do texto, corroborado pelo autor da notícia. Sobre as intertextualidades, identificamos que, buscando a notícia manter-se no campo da neutralidade, por mais que ele lhe seja impossível, a convocação de outros dizeres serve justamente para ou conduzir o leitor dentro de uma perspectiva particular, ou para imputar ao outro a responsabilidade desse dizer.

Como primeiro exemplo, temos a notícia veiculada em 15 de abril de 2021 no Jornal O Globo, que tem como temática central um estudo publicado pela revista Science, que imputa ao Governo Federal da época a culpa pela má gestão da pandemia do Covid-19 no país:

Imagem 05: Notícia do Jornal O Globo

## Governo federal maior culpado por erros na pandemia no Brasil, diz estudo na Science

Trabalho sai na mesma semana em que o Senado prepara CPI para investigar equívocos do governo federal na resposta à Covid-19

Rafael Garcia

15/04/2021 - 04:30 / Atualizado em 15/04/2021 - 17:06



Cemitério Parque Taruma, em Manaus, Amazonas Foto: BRUNO KELLY/Reuters / BRUNO KELLY/Reuters

Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/governo-federal-maior-culpado-por-erros-na-pandemia-no-brasil-diz-estudo-na-science-24971779>. Acesso em 17/04/2023.

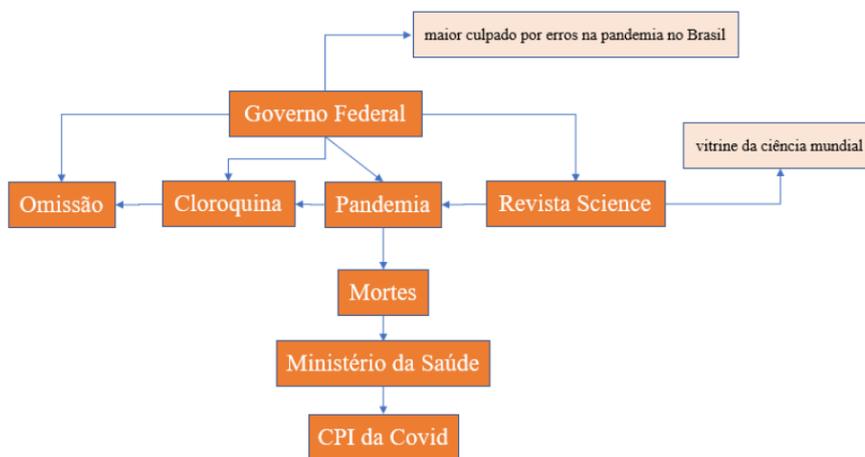
Além do título da notícia, observa-se, também, a *lide* dela, que é um pequeno resumo do texto a ser apresentado (ARANTES, 2013). A partir desses primeiros elementos, ocorre a introdução referencial de importantes objetos de discurso para a notícia, como “Governo Federal”, “Pandemia”, “Revista Science”, “Senado”, “CPI”, “Covid-19” e “Morte”, este último por inferência a partir da fotografia do cemitério Parque Taruma, de Manaus.

A respeito dessa introdução referencial, é possível observar um fator extremamente importante para o projeto argumentativo do texto: o referente “Governo Federal” vem, na realidade, já recategorizado como “maior culpado por erros na pandemia no Brasil”, atribuindo-lhe, portanto, um valor negativo. Esse processo de introdução já recategorizada do referente, contudo, não ocorre como um posicionamento

do jornal, mas sim “dito” pela revista que, ao ser retomada como “vitrine da ciência mundial”, passa a possuir credibilidade e confiança.

Assim, se analisarmos as relações que o referente em posição focal possui em sua *rede* (MATOS, 2018), isto é, com os referentes que com ele dialogam diretamente e indiretamente, temos a seguinte configuração:

Imagem 05: Rede referencial da notícia 1



Fonte: Elaborado pela autora.

Cumprе sinalizar, portanto, que o projeto argumentativo de culpabilização do Governo Federal se dá principalmente pelo fato dele estar diretamente relacionado com “Cloroquina”, método de tratamento comprovadamente ineficiente ao Covid-19 e amplamente alarmado pela comunidade científica, o que lhe imputa uma omissão, consequentes mortes, além da investigação institucional por meio da “CPI da Covid”.

Essa perspectiva é, ainda, reafirmada constantemente por intertextos, predominantemente estritos de co-presença por citação e paráfrase, como nos extratos a seguir:

Apesar de nenhuma narrativa única explicar a diversidade do espalhamento do vírus no Brasil, uma falha maior em implementar respostas ágeis, coordenadas e equânimes no contexto de desigualdades locais marcantes alimentou a disseminação da doença”, escrevem os pesquisadores que apontam cinco ingredientes capazes de explicar por que o país foi tão mal na resposta à pandemia (O GLOBO, 15/04/2021).

O fracasso brasileiro no combate à pandemia pode ser parcialmente atribuído a falhas de gestores públicos em diferentes lugares, mas o peso do governo federal tem um tamanho proporcionalmente muito maior na tragédia. A conclusão é de um estudo assinado por dez cientistas do Brasil e dos EUA, liderado pela

demógrafa Márcia Castro, professora da Universidade Harvard, publicado na revista Science, vitrine da ciência mundial (O GLOBO, 15/04/2021)

Dessa maneira, percebe-se que o produtor do texto busca, durante toda sua escrita, defender uma posição e orientar o seu leitor a aderir a ela, que é o vírus por si só não foi o real culpado pelo desastre da pandemia do Covid-19, mas sim o Governo Federal. Nesse caminho, é justo afirmar que a lucidez dos processos estabelecidos, assim como os objetivos aos quais eles estão submetidos, na aula de LP, comunga com o objetivo estabelecido pela BNCC, que é o de perceber nos textos jornalísticos as maneiras que os autores possuem para, em seus textos, vincular os discursos de outros, possibilitando ao aluno compreender

a relevância que essas vozes assumem no discurso do jornalista e como são usadas para dar ênfase ao recorte ou enfoque escolhido, sinalizando a não neutralidade de textos supostamente objetivos, como as notícias” (BRASIL, 2018, p. 95).

A exemplo dessa maleabilidade de posições que as notícias podem assumir, temos o texto publicado pela CNN Brasil, em 09/04/2021, também sobre a pandemia. Por estar vinculado a um jornal que tendia, por vezes, a se alinhar mais às pautas bolsonaristas, o projeto argumentativo se difere da primeira, por mais que os métodos utilizados, isto é, de recategorização do referente e intertextualidade, sejam semelhantes. Observemos o recorte da notícia em questão:

Imagem 06: Notícia da CNN Brasil



Fonte: CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-federal-nao-e-culpado-por-falta-de-oxigenio-em-manaus-defende-senador/>. Acesso em 17/04/2023.

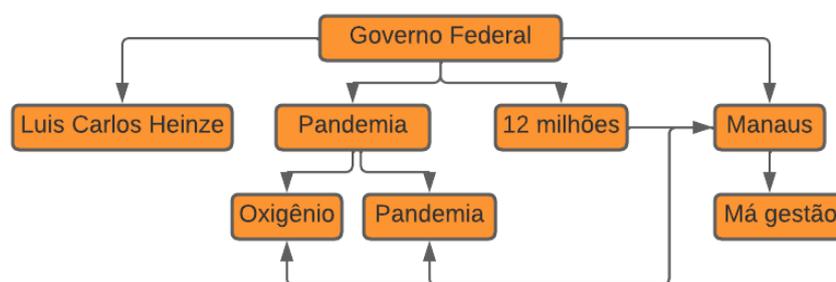
Primeiramente, tem-se, pelo título e *lide* da notícia, a introdução referencial de “Governo Federal”, “Oxigênio”, “Manaus”, “Senador”, “Governos Locais” e “CPI”. Sobre eles, constata-se, como na notícia anterior, que a afirmação do projeto

argumentativo em questão vem, mais uma vez, não como uma posição declarada do jornal que a veicula, mas sim como o dizer de outrem, nesse caso, o Senador Luis Carlos Heinze, do PP-RS, partido aliado ao Governo Bolsonaro.

A modalização negativa da frase, no caso, nega a culpa que, à época, tentaram imputar ao Governo Federal no que diz respeito à crise de falta de oxigênio em Manaus, durante o pior momento da pandemia da Covid-19, levando centenas a óbito. Esse posicionamento, por exemplo, é reafirmado quando o jornal opta por retornar ao contexto da crise e da consequente abertura da CPI sob a voz do Senador, que afirma que Manaus tinha em seus cofres milhões de reais oriundas de verba Federal, como no extrato “Esse caso não pode se culpar o governo federal, que liberou o recurso, para qualquer governo chegou o repasse de recurso, a má gestão não se deve ao governo federal” (CNN Brasil, 09/04/2023).

Assim, mais uma vez a notícia é repleta de intertextos, também do tipo de copresença por citação e paráfrase, os quais são responsáveis por, além “isentar” o jornal da opinião acerca da responsabilidade do remanejamento das mortes ao governo do estado de Manaus, introduzir outros referentes. Juntos, esses elementos compõem a rede referencial do Governo Federal, referente focal, como exposto no fluxograma abaixo:

Imagem 07: Rede referencial da notícia 2



Fonte: Elaborado pela autora.

Aqui, nota-se, por meio da análise da rede, que o referente “Governo Federal” não está relacionado diretamente com “Má Gestão”, mas sim o referente “Manaus”, já que, teoricamente, apesar de receber “12 milhões”, sua principal relação é com a falta de “Oxigênio” na “Pandemia”. Insinuando essa perspectiva, o jornal convoca, por meio de uma paráfrase, outro intertexto, não ligado às falas do Senador, que salienta a possibilidade dos governos estaduais também estarem passíveis de investigação, é ele:

Autor do pedido de CPI, o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) afirma que o seu requerimento, assinado por outros 31 parlamentares, não impede que as responsabilidades de governos estaduais e municipais sejam investigadas, apesar de não citá-las no corpo do texto. Diz Randolfe que trata-se apenas do fato inicial e que a CPI expande o seu escopo durante as investigações (CNN Brasil, 09/04/2023).

Isto posto, é notório que ao optar conduzir a notícia praticamente sob os dizeres do Senador Luis Carlos Heinze o jornal assume a posição do projeto argumentativo defendido por ele: a de que o Governo Federal, comandado pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro, é tão inocente quanto o seu líder das milhares de mortes na pandemia, culpa de terceiros ou mesmo de uma mera fatalidade.

## **5. Considerações finais**

Neste artigo, foi feita uma análise textual de duas notícias cujo tema central girava em torno do papel do Governo Federal durante a pandemia do Covid-19, com o objetivo de identificar e esclarecer o caráter argumentativo desses textos, utilizando as categorias de referência e intertextualidade. Por meio dessa análise, foi possível demonstrar como esses processos textuais-discursivos servem para consolidar determinado projeto argumentativo de autores de textos noticiosos, comumente tidos como imparciais e neutros.

A respeito dos processos referenciais, constatamos que em notícias é predominante a introdução referencial, mas que a recategorização de um referente também ocorre de forma considerável, seja alterando a perspectiva após essa introdução ou já o apresentando com outra perspectiva. Os intertextos, por sua vez, apesar de serem convocados sob suas formas mais comuns e canônicas, isto é, pela citação e paráfrase, vão muito além de um mero “recontar”. Eles imprimem, marcadamente, um dizer a ser rechaçado ou corroborado pela notícia, que aglutina o ponto de vista nele presente.

Assim, tal perspectiva contribui não apenas com a revisitação do gênero notícia, mas principalmente com o seu ensino nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que provoca os docentes e futuros docentes a pensar a língua em uso e na responsabilidade de formar, durante o percurso escolar, pessoas aptas a questionarem perspectivas cristalizadas ou que tentam assim ficar, deslocando, o ensino de uma perspectiva desvinculada das práticas de linguagem e o realocando no contexto da reflexão acerca do funcionamento da língua e das práticas de linguagem.

## Referências

- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.
- ARANTES, Poliana Coeli Costa. Desconstruindo o imaginário sociodiscursivo sobre a opinião na imprensa popular. In: EMEDIATO, Wander (org). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte : FALE/UFMG, Núcleo de Análise do. Discurso, 2013, p. 203 - 220
- BAKHTIN, Michael. A interação verbal. In. BAKHTIN, Michael. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, p. 110 - 127.
- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco; PENHAVEL, Eduardo. CINTRA, Marcos Rogério (orgs). *Linguística Textual: Interfaces e delimitações - homenagem a Ingedore Villaça Koch*. São Paulo: Cortez, 2018.
- BRASIL, Base Nacional Comum Curricular – BNCC, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versao\\_final\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf) Acesso em: 16 abr. 2023.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim epidemiológico*, Brasília, v. 1, n.1, Agosto, 2021. Disponível em: <[https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2021/boletim\\_epidemiologico\\_covid\\_76-final20ago.pdf/view](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2021/boletim_epidemiologico_covid_76-final20ago.pdf/view)>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- CARVALHO, Ana Paula Lima de. *Sobre intertextualidades estritas e amplas*. 2018. 133f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do GELNE*, Piauí, n. 2, v. 12, 2010. p. 56-70.
- CAVALCANTE, Mônica. Magalhães.; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar.; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_.; et al. Por uma análise argumentativa na Linguística Textual. In: VITALE, M. A. et al. (org.). *Estudios sobre discurso y argumentación*. Coimbra: Grácio Editor, 2019.
- CORTEZ, Suzana Leite. Análise dos processos referenciais em notícias à luz do ponto de vista. In: ATAÍDE, Cleber Alves. et al (orgs.). *Estudos linguísticos e literários: questões de pesquisa e ensino no Nordeste*. Anais eletrônicos da Jornada Itinerante do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. Recife: Pipa Comunicações, 2017, p.255-268.
- CORTEZ, Suzana Leite. KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Pontos de vista em representação: a construção dos objetos de discurso em reportagens de revista feminina*. *Revista Investigações*, n. 2, v. 24, julho/2011, p. 81-101.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência*. 2011. 329f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2011.

EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: Argumentação e dimensão argumentativa. In: EMEDIATO, Wander (org). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte : FALE/UFMG, Núcleo de Análise do. Discurso, 2013, p. 69 - 104.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 42.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação na Linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2013.

MACEDO, Patrícia Sousa Almeida de. *Análise da argumentação no discurso: Uma perspectiva textual*. 2018. 235f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: Lista, Rede ou Cognição Social?. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, Maria José.; OLIVEIRA, R. P. de. (orgs). *Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS, Janaica Gomes. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. 259f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

PINTO, Rosalice. Linguística Textual e argumentação. In. JÚNIOR, Rivaldo Capistrano. LINS, Maria da Penha Pereira. ELIAS, Vanda Maria. (orgs). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: PP - GEL - UFES; Labrador, 2017.

SANTOS, Leonor Werneck dos; TEIXEIRA, Claudia de Souza. Linguística Textual e ensino: panorama e perspectivas. In. JÚNIOR, Rivaldo Capistrano. LINS, Maria da Penha Pereira. ELIAS, Vanda Maria. (orgs). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: PP - GEL - UFES; Labrador, 2017.

SZYMBORSKA, Wislawa. Filhos da época. In: SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. *Uma análise textual do phatos em polêmicas*. 2020. 133f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2020.

OLIVEIRA, Tania Amaral; ARAÚJO, Lúcia Aparecida de Melo. *Tecendo Linguagens: língua portuguesa : 7º ano*. 5 ed. Barueri: IBEP, 2018.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. *Currículo de Pernambuco: ensino fundamental. Área de Linguagens*. Recife: A Secretaria, 2019. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/19487/Linguagens.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023.

Governo federal maior culpado por erros na pandemia no Brasil, diz estudo na Science. Jornal O Globo, São Paulo, 15 mar. 2021. Seção “Brasil”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/governo-federal-maior-culpado-por-erros-na-pandemia-no-brasil-diz-estudo-na-science-24971779>>. Acesso em: 17/04/2023.

Governo federal não é culpado por falta de oxigênio em Manaus, defende senador. CNN Brasil, São Paulo, 09/04/2021. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-federal-nao-e-culpado-por-falta-de-oxigenio-em-manaus-defende-senador/>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

## **Agradecimentos**

*Disse um poeta de renome  
(vai num beijo aqui a lição):  
“Quem é Cândida no nome  
deve-o ser no coração.”  
Cândida Maria Cândida  
Foi, que era minha irmãzinha.  
Assim tu, cândida, cândida  
hás de ser, pois que és Candinha.  
(BANDEIRA, 1993).*

Sabendo que não se percorre nenhum caminho sozinho, é certo que tenho muito o que agradecer por esses cinco anos e meio de graduação na Universidade Federal de Pernambuco, que foi sonho, casa, acolhimento e lugar de crescimento não apenas profissional, mas sobretudo pessoal.

Ao meu eterno amor guardado no peito, minha avó Maria Cândida – ou Candinha, a quem afetuosamente chamava -, eternizada em minhas memórias, mas também versos de Bandeira, agradeço por ter me trazido até aqui por meio dos primeiros livros, músicas, poemas e maneira de escolher ver o mundo e aos outros com singular beleza, mesmo quando eles costumam a mostrar-se não tão belos. Obrigada, vovó, por todo apoio que apesar das Letras não poderem alcançar, podem se fazer sentir.

Aos meus pais, Jandira e Silvandro, meus irmãos, Philipe e Júlia, e meus tios, José, Ceça e Níria, agradeço por todo suporte e estímulo oferecido e encorajado durante meu processo de formação. O curso de francês, as xerox tiradas, as caronas oferecidas, os almoços bem embalados, os sorrisos, abraços, palavras e acolhimentos de vocês foram essenciais para chegarmos aqui, onde agora estamos. Sem vocês, a minha família, certamente tudo teria sido mais difícil e menos saboroso de se vivenciar.

Ao meu amor, Matheus, agradeço por no começo de 2018 ter chegado e tornado minha vivência na UFPE mais bonita e especial. Por isso, Bourdieu é muito mais que um sociólogo a quem tenho apreço, assim como o laguinho é muito além de uma vista bonita,

e a FDR significa mais que um centro distante do Campus. Não há como pensar na minha história na UFPE e no curso de Letras sem incluir você. Obrigada por ter sido refúgio, consolo e força quando, às vezes, algo parecia não estar fazendo sentido. Obrigada por todo cuidado, apoio e amor. Não há dúvidas que essa conquista também é para e por você!

Aos meus amigos, encontro ressonância em Eclesiastes 6:14, que diz: “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro”. Obrigada, Jéssica, por ter sido por tanto tempo minha dupla no curso, CAC e UFPE. Foram risos, choros, desesperos, mas muito aprendizado – sobre tanta coisa – partilhados até aqui. Obrigada, Vivi, por me mostrar que a doçura vale à pena, combina com a luta e deve caminhar junto da gente, a todo momento, nessa vida que, por vezes, sabe ser caótica. Obrigada, Malu, por me mostrar que chegar junto leva tempo, cautela e respeito, mas que vale o caminho, resulta em força e em uma amizade parceira e presente a todo momento. Obrigada, Márcio, por cada “presepada” partilhada, que me trouxe e continua trazendo leveza no escolher *ser*, como também por toda troca – de energia, conhecimento, pensamento, puxão de orelha e madrugadas à fio – partilhada entre nós. Obrigada, Manu e Yhann, por fazerem o bordão “confia!” existir e me mostrarem, cotidianamente, que a gente pode e deve mesmo confiar na gente. Todo riso, análises mirabolantes de poesias/romances, ansiedade pré prova e alívios pós apertos – que foram tantos – foram muito mais gostosos com vocês. Estamos vencendo, pouco a pouco.

À minha professora orientadora de pesquisa, Suzana Cortez, meu eterno “obrigada” por ter aceitado me acolher enquanto eu ainda era tão verde, lá no segundo período do curso, e ter me ensinado, com zelo, paciência e compromisso – afetivo e científico - quase tudo do que hoje sei e sou no campo das Letras. Você é inspiração, Su, em diversos sentidos. Gratíssima a Deus por ter feito nossos caminhos cruzarem e ficarem. Esse trabalho é nosso, sempre!

À minha professora orientadora de TCC, Andrea, muitíssimo obrigada por ter topado o desafio de me orientar na conclusão do curso, com um trabalho que significa tanto para mim por dizer tanto sobre todo o percurso percorrido até aqui.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus por ter me concedido a bênção de poder agradecer tantas linhas a tantas pessoas e momentos especiais, como também ter me guardado e preservado a todo instante. Encerro o curso na certeza de que tudo é no tempo dEle e para a Sua glória. Amém por isso!